

## ***Lives e a inutilidade das Artes: A loucura por respirar e a Pandemia COVID-19***

Aliciane Aparecida Rodrigues<sup>1</sup>

Emanuela Francisca Ferreira Silva<sup>2</sup>

Guilhereme Messias Sales<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi compreender como as práticas culturais se mantiveram presentes no dia a dia escolar, isto é, como fruir Arte e sofrer catarse seriam possíveis em meio a um distanciamento social obrigatório. Para tanto, foram utilizadas reflexões de teóricos do campo da Linguística Cognitiva como Edelman (2006) e Gibson (1986), de teorizações de poetas como Leminsky (2012) e Wilde (1986) sobre a inutilidade da Arte e de teorias sobre Catarse e psicologia da educação (VIGOSTKY, 1997) e a aquisição da cultura (BORDIEU, 1996). Pela pesquisa de Campo, através de uma enquete, percebeu-se como as *lives* culturais extrapolaram o sentido convencional e utilitário das mídias digitais, promovendo a compressão em que os discentes corporificaram suas experiências em um ambiente bio-físico-sócio-cultural.

**Palavras-chave:** Recursos digitais; Arte como inutensílio; nicho; aquisição cultural; Linguagem e efeito catártico.

### **1. Introdução: A inutilidade da Arte durante a Pandemia COVID-19**

No século XX assistiu-se a uma cultura hibridizada em que o massivo e o folclórico se interconectavam. Nesta cultura o simbolismo ultrapassou a função. A cultura popular foi percebida como espaço-tempo em que as camadas populares, ou os vencidos, se encontraram e formaram através da memória seus gostos, vestimentas e alimentação, que são indispensáveis para a sobrevivência.

A pandemia COVID-19 parece ser o marco do advento do século XXI no que tange às Artes. Teatros, cinemas, casas de espetáculos fechadas. A Arte parece não ter espaço nesta nova era. É preciso sobreviver com os recursos que se tem. “Toda a Arte é completamente inútil.” (WILDE, 2012, prefácio). E a única desculpa para se fazer algo inútil é poder admirá-lo intensamente. Na obra “O retrato de Dorian Gray (2012), Oscar Wilde traz essa reflexão bem ao final do prefácio, nos provocando e nos apontando para o corte na história de longa duração provocado por essa pandemia. Será mesmo que toda a inutilidade da Arte encontrou outro fim?

---

<sup>1</sup> Faz licenciatura em Música pela UNINCOR. Regente do Coral Vozes do Coração do IFSULDEMINAS- Campus Avançado Três Corações. <E-mail: lilica.ar@gmail.com>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela PUC Minas. Professora de Língua Portuguesa e Artes do IFSULDEMINAS- Campus Avançado Três Corações. E-mail:< emanuela.silva@ifsuldeminas.edu.br>. Membro dos grupos de pesquisa GELLDIS - CEFETMG e *Complex Cognition* - PUC Minas.

<sup>3</sup> Graduando em Letras pela UFLA. E-mail: <guilherme.sales1103@gmail.com>.

Caminhando em direção ao século XXI temos a inutilidade da própria poesia. “A poesia é um inútil, a única razão de ser da poesia é que ela faz parte daquelas coisas inúteis da vida que não precisam de justificativa porque elas são a própria razão de ser da vida.” (LEMINSKY, 2013). Aqui o dialogismo barkhtiniano se mostra e, poetas separados pelo tempo conversam. O inútil e o inútil se complementam. A Arte não é um utensílio doméstico. Ela não tem utilidade, a não ser que haja outras formas de pensar a vida humana. Em contradição, ao inútil que é a poesia, Leminsky afirma que a poesia é uma necessidade orgânica de uma sociedade. “A sociedade precisa daquilo, daquela loucura para respirar. É através da loucura dos poetas, através da ruptura que eles representam, que a sociedade respira”. (LEMINSKY, 2013, p. 12).

Inútil, inútil, inutilidade. Mas a ambiguidade vem na locução simbólica “loucura para respirar”. Respirar é uma das necessidades biológicas básicas para o ser humano. E é com essa dicotomia respirar x inútil, loucura x inútil, que esse trabalho pretende apresentar um projeto<sup>4</sup> desenvolvido no ano de 2020 em uma escola pública no Sul de Minas Gerais, que ousou trazer o inútil para seus discentes em época de distanciamento social. A Arte é possível sem público presencial? No século XXI o público virtual deu lugar ao real. “É através da loucura dos poetas, através da ruptura que eles representam, que a sociedade respira”.(LEMINSKY, 2013).

## **2. A Arte inútil como enfrentamento ao COVID-19**

A experiência e percepção do que é o mundo social revela-se na prática, segundo o sentido daquilo que se pode ou não almejar a si mesmo. (BORDIEU,1996). Assim, vê-se que a percepção da posição social ocupada por um sujeito está no domínio prático

---

<sup>4</sup>Projeto “ Pandemia COVID-19: Lives como suporte e nicho tecnológico para o processo ensino aprendizagem e a promoção das Artes” aprovado com bolsas no edital 05/2020 – Programa de apoio às atividades remotas da PROEN, PPPI e PROEX (IFSULDEMINAS). Os bolsistas selecionados para esse projeto são: Helder Nascimento Oliveira, Helen Marie Pinheiro, Ian Batista da Cruz, João Marcos Rocha Pereira, Maria Fernanda Santos da Rosa Paixão e William Alves da Silva.

da estrutura social. Com o advento da Pandemia COVID-19 houve sobre tudo no campo educacional uma reorganização do espaço social ocupado por estudantes e professores. O distanciamento social, necessário e imposto, provocou uma ruptura mundial nas formas de organização no que tange a cultura. De “maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do habitus)” (BOURDIEU, 1996, p. 21).

O que fazer com as práticas culturais presentes na escola? O cantar e o tocar junto, a aulas de Artes e a fruição artística como serão redirecionados? Haverá espaço para tais práticas num momento em que a vida humana está ameaçada?

Para Adorno, a grandeza da arte está em sua capacidade de resistir ao estatuto de mercadoria, em situar-se no mundo como um "objeto não identificado". Em sua recusa de assumir a forma universal da mercadoria, a Arte, a obra de Arte é a manifestação, em seus momentos mais puros e radicais, de uma "negatividade". Ela é "a antítese da sociedade". A antítese social da sociedade. (LEMINSKI, 1986). Em uma sociedade com distanciamento social e temerosa frente a um futuro incerto, como promover a Arte, este inutensílio, essa antítese da sociedade?

Para Leminsky (1986, p.34) “a Arte só tem uma razão de ser enquanto negação do mundo reificado da mercadoria. Vale dizer, enquanto inutensílio. A tensão ética da obra está nesta recusa em virar mercadoria. Em consonância com essa afirmação corrobora a afirmação de Bordieu (1996) de que o gosto cultural é produto e fruto de um processo educativo, ambientado na família e na escola e não fruto de uma sensibilidade inata dos agentes sociais.

O ser humano processa as informações corporificando-as em experiências em um ambiente bio-físico-sócio-cultural. A compreensão passa pela captação das sensações até chegar ao cérebro. A percepção de eventos pode unificar milhões de sensações visuais, sonoras, olfativas e emoções. O audiovisual é uma forma de compressão, isto é, o cérebro processa material perceptual e conceitual todo o tempo. A essa prerrogativa tem-se que a cultura, as aptidões humanas não se transmitem por hereditariedade, elas são adquiridas por um processo de apropriação da cultura na qual o indivíduo está inserido. Cabe ao ser humano se apropriar do conjunto cultural construído na história. Mas como promover a esse ser bio-físico-sócio-cultural um ambiente para sua apropriação cultural em meio a COVID-19?

A Arte, esta inútil, é capaz de enfrentar a pandemia, posto que o artista não pretende provar nada, a Arte em si não assume uma forma de mercadoria, ela é manifestação.

Delimitando qual eixo artístico trabalhar utilizamos como parâmetro a afirmação de Wilde (2012) em seu prefácio: “do ponto de vista da forma, a Arte exemplar é a do músico. Do ponto de vista do sentimento, a Arte do ator é a exemplar. ” Música e interpretação serão o conteúdo, mas continua-se a incógnita: como promover Arte em meio a um afastamento social na escola?

### **3. *Lives*: recursos audiovisuais para a promoção das Artes**

Recursos áudio/audiovisuais tornaram-se essenciais para a continuação do processo ensino-aprendizagem e de comunicação. Porém, a utilização destes recursos parece extrapolar o sentido convencional e utilitário, tornando-se um meio de propagação da arte como inutensílio. Nós humanos não nos limitamos à função utilitária, nossa experiência sensorial e mental ultrapassa esses limites para se significar e ressignificar o mundo em que vivemos. A linguística Cognitiva (LC) tem como hipótese para os processos de significação que há a corporificação da mente e da significação " (*embodiment of mind and meaning*)<sup>5</sup> . Com essa afirmação tenta-se responder aos questionamentos do início deste artigo - Será mesmo que toda a inutilidade da Arte encontrou outro fim? Não. Foi pela promoção da arte, pela ruptura que ela promoveu, que a catarse, a respiração de toda a comunidade escolar desta instituição, em sua dimensão bio-físico-sócio cultural, foi possível. Sendo inútil, a Arte, ela foge do utilitarismo e proporciona uma vivência superior a superfície.

Como afirma Wilde (2012) em seu prefácio: “Toda arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo. Aqueles que vão além da superfície assumem um risco ao fazê-lo. Aqueles que leem o símbolo assumem um risco ao fazê-lo. É o espectador, e não a vida, que a arte verdadeiramente espelha. Em enquete promovida pelo projeto “Projeto Pandemia COVID-19: *Lives* como suporte e nicho tecnológico para o processo ensino aprendizagem e a promoção das Artes” – de que trata esse artigo - foi questionado aos participantes e bolsistas do projeto se seria possível fazer e fruir Artes por *lives*. As respostas apontaram sempre para uma afirmativa. Como a resposta do sujeito informante 7 (doravante SI):

---

<sup>5</sup> A publicação do livro *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson 1980) é tida como sendo a obra que dimensionou a discussão sobre esse tema, revolucionando os estudos no campo da LC. Ver, a respeito: "*Conceptual Metaphor Theory: Thirty Years After*", in: *Journal of Cognitive Semiotics*, Vol. V, n.º. 1-2, oct., 2013. Disponível em: <http://www.cognitivesemiotics.com/news-and-info/new-issue-announcement-volume-v-nos-1-2> .

SI7: Acredito que primeiro, há que se apropriar da linguagem virtual, para, em um segundo momento, adaptar o que se pretende, entendendo a dimensão e características particulares de cada manifestação artística. Quando há essa compreensão, as lives podem tornar-se uma nova e importante forma de expressão artística. É óbvio que não tem como comparar uma experiência virtual com uma experiência presencial de assistir a um show ou a uma peça de teatro por exemplo, mas em alguma medida, o “ao vivo” virtual é capaz de despertar a mesma ansiedade da experiência presencial, seja nos artistas ou no público. Isso é um sinal de que a emoção do fazer artístico e da sua contemplação continuam a existir nas transmissões virtuais.

Edelman (2006, 24-25) afirma que “o cérebro está incorporado em um corpo situado em um ambiente particular, influenciando e sendo influenciado por esse ambiente. Este SI nos traz essa perspectiva, pois afirma que é preciso primeiramente se apropriar da linguagem virtual, para depois fruir a arte. Ele afirma que as *lives* são uma nova e importante forma de expressão artística. Estas não substituiriam a experiência real de fruir arte, mas tornam-se uma alternativa, neste século XXI, de promover a emoção do fazer artístico e de sua contemplação como inutilidade para sociedade. Ainda sobre a possibilidade de fruição das Artes pelo viés virtual o SI6 advoga:

SI6: No mês da Vivência Cultural por exemplo, fizemos a arte fruir de vários modos e em diferentes tipos de pessoas, e foi brilhante ver o reencontro que elas tiveram com o lado artístico delas mesmas.

O SI6 cita uma das facetas do referido projeto: o mês de Vivência Cultural, que aconteceu durante todo o mês de setembro/2020. Esta faceta trouxe para a comunidade interna e externa desta escola uma programação artística subdividida em bate-papos, oficinas de desenho, dança, libras, apresentações musicais que passaram pelos mais diversos estilos: do Hip Hop, promovido por alunos da própria escola, ao erudito com a participação de um flautista da Filarmônica de Minas Gerais.

Esta faceta contou também em sua programação com a exposição fotográfica: “Aqui de onde o olho mira, agora que o ouvido escuta”. Tendo como tema uma música de Gilberto Gil a escolha dos participantes do concurso. Estes deveriam tirar fotos de suas janelas procurando retratar pela imagem que dialoga com a música sensações que a pandemia lhe causava. O SI6 demonstra como a participação, mesmo que *on-line*, trouxe um “reencontro” de si próprio, isto é, o ato de fruir passou também pela percepção de si mesmo como promotor da Arte.

--	--

Fotografia vencedora da categoria geral – comunidade externa. Fonte: foto tirada pelo vencedor e disponibilizada nas mídias sociais.	Fotografia vencedora da categoria alunos – comunidade interna. Fonte: foto tirada pelo vencedor e disponibilizada nas mídias sociais.
---	--

Conforme figura 1 e 2 tem-se as fotografias premiadas nesse concurso. Ambas refletem um sentimento de alegria, de esperança em meio a uma Pandemia vivida por todo o mundo. Edelman (2006, 24-25) afirma que “o cérebro está incorporado em um corpo situado em um ambiente particular, influenciando e sendo influenciado por esse ambiente. Esse conjunto de interações define-se econiche,- como é chamado”<sup>6</sup>. Em um momento que o distanciamento social é tão evidente, estes jovens se encontram e dão significado ao mundo assim. “O nicho refere-se mais ao como o animal vive do que o onde ele vive. O nicho implica uma espécie de animal, e o animal implica uma espécie de nicho<sup>7</sup>.”(GIBSON, 1986, p. 128). O ambiente virtual seria uma espécie de nicho em que o indivíduo em tempos de Pandemia COVID-19 tem-se possibilitado sentir a Arte e encontrar-se com outras pessoas, mesmo que seja virtualmente. No nicho promovido pelo projeto há a fruição da Arte que promove alegria de viver, o sorriso puro de uma criança ou a imagem da natureza que se tem da janela de casa, demonstra o lugar que se quer estar.

As músicas escolhidas para dialogarem com essas imagens foram: Estrela e *Vamos fugir*, ambas de Gilberto Gil. Essas músicas trazem como nicho “há de surgir uma estrela no céu cada vez que ocê sorrir” e “vamos fugir deste lugar baby,[...] qualquer outro lugar comum, outro lugar qualquer”[...]. Aqui temos a resposta a outro questionamento deste trabalho: Em uma sociedade com distanciamento social e temerosa frente a um futuro incerto, como promover a Arte, este inutensílio, essa antítese da sociedade? A antítese, a oposição contra a Pandemia, está na letra de Gilberto Gil: fugir para qualquer outro lugar comum. A Arte está no dia a dia, mas é preciso parar e focar para percebê-la. Nos cortes da história de longa duração, na história dos vencidos, que neste trabalho são alunos e comunidade externa da escola em que se promoveu o projeto, os vencidos trazem pela Arte a vontade de “fugir” da Pandemia COVID-19, para um lugar comum – talvez a paisagem que se mostra na

---

<sup>6</sup> Citado em: "The brain is embodied and the body is embedded. (...) Your body is embedded and situated in a particular environment, influencing it and being influenced by it. This set of interactions defines your econiche, as it is called". (EDELMAN, 2006: 24-25) – tradução dos autores.

<sup>7</sup> I suggest that a niche is a set of affordances. The natural environment offers many ways of life, and different animals have different ways of life. The niche implies a kind of animal, and the animal implies a kind of niche". (GIBSON, 1986, p. 128). Traduzido pelos autores.

janela da própria casa, talvez o sorriso inocente de uma criança que, apesar de viver a Pandemia, promove o surgimento de uma estrela no céu da vida de quem convive com ela, ao sorrir.

. O sentido denotativo, o sentido simples, não é suficiente; ele é substituído pelo conotativo através das Artes. Uma metáfora, na qual se diz algo, mas que possui um significado amplo ligado a emoção; uma sinestesia, em que se tem uma mistura dos sentidos, ver o cheiro, sentir o olhar; uma antítese, passando de um estado para o total oposto; ou uma personificação na qual o que não possui vida, torna-se vivo; passa a possuir características humanas. O real não é suficiente, ele é limitado. A Arte de unir imagem e música proporcionaram o subjetivo, o inútil como mercadoria, mas prazeroso e vital para os seres bio-físico-sócio-cultural. O projeto atingiu de forma impactante, chegando a ter mais 1700 seguidores nas redes sociais (pontua-se que há nesta escola cerca de 400 alunos, o que demonstra que houve uma aderência de mais de 400% em relação ao número de alunos atendidos.

O nicho está muito mais ligado à forma como o indivíduo vive e não ao lugar que se está<sup>8</sup>. Vive-se em isolamento atualmente, mas procura-se se reencontrar pelas mídias sociais instantâneas. Quando este suporte promove as Artes, o nicho empodera-se e é capaz de promover a cultura pelas cesuras provocadas pela Pandemia, nas rupturas, no *instante já*. Com isso respondemos outro questionamento apontado neste trabalho: como promover a esse ser bio-físico-sócio-cultural um ambiente para sua apropriação cultural em meio a COVID-19? Pela cesura provocada pela Arte, pelo ato de fruir, mesmo que virtualmente. Mister apontar o que o SI2 adverte:

SI2: Antes da pandemia era pouco provável, mas agora acho que muitos já se acostumaram com as *lives*, então sim é possível fazer e fruir Arte por *lives*.

Tem-se um novo econicho para a fruição da Arte, ele não é o ideal, mas é o que se pode utilizar para se respirar no momento em que se vive essa Pandemia. O encontro e a comunicação ocorrem por diversos suportes. As mídias digitais – *lives* – não são os únicos recursos para promover as Artes, mas para o nicho em que se está, foram

---

<sup>8</sup> Para esse trabalho optou-se pelo conceito de nicho proposto por Gibson (1996): "Ecologists have the concept of a *niche*. A species of animal is said to utilize or occupy a certain niche in the environment. This is not quite the same as the *habitat* of the species; a niche refers more to *how* an animal lives than to *where* it lives.

apropriadas e transformadas pelos seus próprios usuários para a fruição e a vivência desta necessidade humana e não utilitária.

#### **4. A transmutação de sentimento pelo econicho *lives*: uma possibilidade**

O termo *catarse* foi utilizado pela primeira vez por Aristóteles (384-322 a.C.) se referindo ao teatro. Ela seria a purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação da tragédia. Para este trabalho temos a pretensão de estender esse conceito, tendo como aporte a definição vygostkyana para *catarse*. Vygostky (1972) exemplifica o que vem a ser a *catarse* com sua Lei da Realidade dos sentimentos:

Se pela noite em casa confundo um paletó pendurado com um homem, meu erro é evidente, já que minha vivência é falsa e não corresponde a nenhum conteúdo real. Mas o medo que experimento neste caso é verdadeiro. Deste modo, todas nossas vivências fantásticas e irreais se desenvolvem sobre uma base emocional completamente real. Por conseguinte, o sentimento e a fantasia não são dois processos isolados um do outro, mas de fato representam o mesmo processo, e temos direito de considerar a fantasia como a expressão central da reação emocional. (VIGOSTKY, 1972, p. 258)

A *catarse* é uma completa transmutação de sentimentos, isto é, os afetos dolorosos e desagradáveis são submetidos a uma descarga que provoca seu aniquilamento, sua transformação em sentimentos opostos. (VIGOSTKY, 1972). As vivências fantásticas e irreais, diríamos, as *lives*, podem desenvolver essa transmutação quando possuem base emocional. Ao afirmar que a fantasia possui a centralidade da reação emocional, Vygostky nos proporciona compreender porque nossos sujeitos informantes consideraram as *lives* como possibilidade, econicho para a *catarse*.

SI3: . Foram tantas emoções naquela semana que nem sei explicar direito e com toda certeza se pudesse eu voltaria pra aquele momento e reviveria tudo (pra completar só faltou um bom abraço em cada um deles).

SI5 . Houveram vários momentos de *catarse*, principalmente em minha participação musical e nas entrevistas.

Os sujeitos informantes 3 e 5 trazem para a cena enunciativa como o nicho, isto é, seu estado de espírito, o seu estar no espaço, importante para que eles fossem acometidos pela *catarse*. Sobre isso dialogamos com Johnson (2007), é preciso investir

numa visão integrada do corpo não somente como biológico, mas como social, cultural, ecológico e fenomenológico. Ele não é um mero organismo físico, as percepções e a forma de significar o mundo depende da ação da mente corporificada sobre o nicho, isto é, a forma como se vive. O SI5 comenta que quando se apresentou como músico, sentiu com mais intensidade a transmutação de sentimentos ocorrendo. Ele vivenciou, corporificou pela Arte – fantasia e emocional se encontraram.

Vygostky (1972, p. 257) afirma que “todas as nossas emoções possuem não apenas uma expressão corporal, mas também uma expressão anímica”. Corpo e emocional, biológico e social se encontram no *instante já* da catarse, instante único e individual de cada ser humano.

SI6: Difícil selecionar apenas um deles, visto que todos me marcaram, mas como um jovem negro, destaco a Semana da Consciência Negra. Felizmente, tive a oportunidade de participar como organizador e entrevistado, e ter a chance de falar, de passar as minhas concepções, minhas ideias, e minhas experiências próprias sobre as questões raciais, foi muito importante para mim. Mais que nunca, senti que eu estava no lugar certo, falando sobre o que eu realmente deveria falar, e, o melhor, sentindo que tinha pessoas me ouvindo e que, pelo menos um pouco, eu poderia deixá-las mais conscientes.

Neste relato, o sujeito informante afirma que a catarse ocorre porque ele tem a oportunidade de falar de si para o outro. Ele traz pelo corpo sua expressão anímica, suas percepções e vivências. Quando este sujeito alia emoção e fantasia no nicho *lives*, ele demonstra como o gosto cultural é produto de um processo educativo. Foi pela convivência, mesmo que virtual, do compartilhar experiências e concepções que ele sentiu a catarse. Aqui a Arte novamente se reafirma sua recusa em virar mercadoria, ela é inutensílio, não serve aos ideais capitalistas. Somente frui, provoca a sensação de estar no lugar certo, no nicho escolhido – *sou negro e falei de questões raciais*. (grifo dos autores).

O sentimento de pertença mesmo que, virtualmente - *sentindo que tinha pessoas me ouvindo* - provocou a sensação de transmutação de sentimentos. Interessante verificar que as *lives* oferecem apenas a sensação de alguém estar ouvindo, posto que não há presença real (isso seria uma das desvantagens da promoção da Arte pelas mídias instantâneas). Porém, mesmo com apenas a sensação de ter o outro, a catarse acontece porque é um princípio individual – eu e a Arte. Os seres humanos se auto organizam

para sobreviver. Se o isolamento social é necessário e obrigatório, ele se auto organiza para que o contato com outro aconteça, ainda que virtualmente. E a catarse é essa forma de ação psicofísica da Arte sobre o funcionamento mental dos seres humanos

SI7: Eu não tive tempo de pensar em mais nada e, pelo menos durante um mês, minha vida foi tomada por uma rotina prazerosa e cheia de arte, que revigorou minhas energias e meu astral. Importante também dizer que, coincidentemente, setembro é o mês de prevenção ao suicídio, e em um momento em que muitas pessoas se encontravam deprimidas, oferecer experiências tão estimulantes e positivas, pode ter feito diferença na vida de alguma delas e isso não tem preço.

O SI7 nos traz outra perspectiva de catarse. Ele interliga dois eventos: o mês marcado pela prevenção ao suicídio e a oportunidade de atuar neste mês como agente promotor experiências estimulantes e positivas. Para esse sujeito, esse fato lhe provocou catarse. Para Vigostky (1972) a finalidade estética da Arte se justifica pela necessidade psicológica de serem vivenciados os materiais de que se utiliza a forma artística. O SI7 denota em sua fala a necessidade orgânica da sociedade pela Arte. A sociedade precisa da loucura dos artistas, para que sua parte anímica sobreviva às utilidades do Capitalismo ou a realidade da Pandemia COVID-19.

SI7: Agora, o que mais me marcou foi o Sarau. Fui pega de surpresa com uma homenagem totalmente inesperada dos alunos coralistas de quem sinto tanta saudade, e foi impossível conter o choro. Foi um choro catártico! Naquele momento, todo aquele afeto veio junto com a certeza de que a arte me presenteou com uma grande família: o Coral Vozes do Coração!

Aqui o SI7 demonstra que é um ser bio-físico-sócio-cultural. Ele se coloca num nicho família denominado Coral. O coral é um econicho em que pessoas se encontram para cantar junto. Essa atividade não aconteceu devido a Pandemia COVID-19. Mas o sujeito informante em questão traz essa dimensão para sua fala. O cérebro incorporado em um corpo, mesmo que virtualmente, sente pela catarse a interação, o sentido de pertencimento a um grupo. Retomamos a afirmação de Vygostky de que fantasia tem base emocional. Sim, participar de um coral, cantar junto é estar num nicho família, e a base emocional proporcionam essa sensação de estar com.

Este sujeito fala de seu choro catártico promovido por uma homenagem *on-line*. Ele cita o afeto como certeza. Esse afeto foi virtual, por live. Pode pensar a princípio

que trata-se de uma fantasia, mas, a base emocional presente, o torna real, mesmo que virtualmente acontecendo. O ato de chorar é real, foi provocado por algo irreal – uma *live* – que provocou neste sujeito sentimentos reais. Como afirma Leminsky (1986) “os poetas dizem uma coisa que as pessoas precisam que seja dita. O poeta não é um ser de luxo, ele não é uma excrescência ornamental, ele é uma necessidade orgânica de uma sociedade.”

#### **4. Conclusões ou apontando algumas inutilidades da Arte**

Com o advento da Pandemia COVID-19 e, por conseguinte, o isolamento social obrigatório, a humanidade se organizou no nicho mídias sociais. Essa nova forma de vida formou barreiras em torno das formas de expressão artística. Seria possível adaptar os eventos artísticos às mídias sociais? Será que o efeito catártico seria o mesmo?

Esse trabalho aponta para a questão da Arte como uma inutilidade necessária para a existência humana. Apontar uma função única para a Arte, seria o mesmo que findá-la em uma relação utilitária que não lhe pertence. Quando se aprende uma fórmula matemática, por exemplo, ninguém fica revisitando tal fórmula, a não ser que seja com o intuito de memorizá-la. A fórmula tem a sua finalidade como aplicação direta em algum cálculo que lhe caiba e sua função acaba quando se alcança o resultado matemático. Ao contrário, uma obra artística, seja uma música, uma poesia ou mesmo a contemplação de quadro, é frequentemente revisitada na intenção de resgatar algo que Adélia Prado chama de “fome”. Para ela, a felicidade não é estar com a barriga cheia, é estar com essa fome. Uma fome que pretende a sensação de plenitude. Sensação essa que a Arte nos permite viver, porém, tal plenitude não se veste de saciedade. Essa plenitude, na verdade, só restaura a nossa fome permanente por outro tipo de comida. Uma comida de outra natureza, para a qual, desconfiamos, assim como Adélia Prado, a nossa alma foi criada.

Através das mídias digitais, as *lives* propiciaram aos participantes momentos de respiração, de catarse. A Arte – fantasia e real - se adaptou ao nicho promovido pela Pandemia COVID-19, para continuar a atingir pessoas em sua inutilidade de surpreender e fazer com que seu espectador externe suas emoções, sofra a catarse.

Nessa direção, pensamos que a necessidade do isolamento e da privação do contato social fez com que a “fome” humana, a loucura por respirar aumentasse, como se tivéssemos nos transformado essencialmente em saudade e na tentativa de

resgatarmos uma espécie de felicidade que se perdeu nesse período. Passamos a viver à espera do reencontro. E justamente, à Arte coube o resgate daquilo que nos faz plenos, mas não nos sacia. Mesmo diante dessa linguagem virtual, que nos mantém distantes, encontramos o ponto de saciedade que só a Arte nos permite.

### **Referências Bibliográficas:**

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

ANTONIO, Rafael O. O mito do dom: aproximações entre Pierre Bourdieu e Alexis Leontiev. *In:1 Jornada Pierre Bordieu, 2019. Anais[...] São Carlos: UFSCAR, 2019.* Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1yTuOTDcN5-1kbyNo38CcFBisHeOuLRWo/view>. Acesso em: 06 dez. 2020.

EDELMAN, G. M. **Second Nature** – brain science and human knowledge. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. New York-London: Psychology Press, 1986.

JOHNSON, M.. **The Meaning of the Body** – A esthetics of human understanding. The University of Chicago Press, 2007.

LEMINSKY, Paulo. **Toda a poesia**. São Paulo: Companhia das Letras: 2013.

LEMINSKY, Paulo. **Anseios crípticos**. Curitiba: Editora Criar, 1986, p. 29-34.

LEMINSKY, Paulo. **Primeira aula do curso POESIA 5 LIÇÕES**. Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo. 20/10.1986. Publicado na Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, p. 92 em 18/10/1986.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia del arte**. Barcelona: Barral, 1972.

VYGOTSKY, L. **Educational psychology**. Flórida: St. Lucie Press, 1997.

Wilde, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012.